

Perdidos na tradução: encontros e desencontros em Tóquio

Janete Oliveira

Mestranda do programa de pós-graduação em Comunicação Social da
Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Resumo

A diferença cultural que, a princípio, pode distanciar os indivíduos também pode servir como gatilho de uma reflexão sobre a nossa própria identidade. Quando falamos de uma sociedade como a japonesa, em que o significado está muito além da pura representação, seja ela falada ou escrita, o poder de influência fica ainda mais evidente, pois exige um esforço muito maior de conhecimento do Outro. O filme Encontros e Desencontros (“Lost in translation” - EUA/Japão, 2003, Direção: Sofia Coppola), através de sua história romântica, nos demonstra isso.

Abstract

The cultural difference that, at first, may drift apart the individuals can also be a trigger of a reflection about our own identity. When we talk about a society like the Japanese where the meaning is far beyond the pure representation (talked or written), the power of influence gets even more evident, because it demands a much bigger effort of Knowledge about the Other. The movie Lost in Translation (“Lost in Translation”, EUA/Japan, 2003, Director: Sofia Coppola) demonstrates us that through its romantic story.



TÓQUIO, UMA METRÓPOLE DISTANTE...

Tóquio é uma cidade distante em vários sentidos: tanto geográfica, quanto culturalmente, e, ao mesmo tempo, cada vez mais próxima. Essa cidade é palco do filme de Sofia Coppola, “Lost in translation”, que, em português, ficou com o título de “Encontros e Desencontros”.

Em recente reportagem da revista *Veja*¹, o Japão é apontado como um novo centro de absorção e disseminação de tendências. A despeito dos problemas econômicos e das diferenças de sentido, a produção cultural nipônica tem contribuído com muitos milhões de dólares para as finanças do país e adquiriu uma notoriedade mundial. Também arrebatada por esse sentimento de popularidade cultural, a cineasta aproveitou-se desse país tão diferente, mas carregado de significado, para apresentar ao público uma história que, desde o título, remete à linguagem utilizada no filme, como vamos ver mais adiante.

SINOPSE DO FILME

“Encontros e Desencontros” é uma comédia romântica contemporânea, um romance à luz do corre-corre do dia-a-dia e da busca constante por uma identidade perdida. A história trata de dois americanos que estão na capital japonesa por diferentes motivos, mas, aparentemente, a contragosto. Bob Harris (Bill Murray) é um ator com a carreira em declínio que foi gravar um comercial de Whisky e Charlotte (Scarlett Johansson) é a esposa de um fotógrafo de bandas de rock. Ambos têm problemas com seus cônjuges e com o rumo

que suas vidas tomaram: Bob gostaria de fazer mais filmes em vez de “vender-se” fazendo comerciais, ressentido da distância com relação à esposa causada pelo nascimento dos filhos; Charlotte acompanha o marido que pouco lhe dá atenção por estar deslumbrado com seu próprio trabalho, deixando-a sempre sozinha no quarto, e não consegue vislumbrar um objetivo para sua vida depois da sua formatura em Filosofia. Encontram-se no elevador do hotel e, embora Charlotte não tenha visto Bob, ele a nota, pois é um rosto ocidental, destoando das faces homogêneas e estranhas dos japoneses. Como estão no mesmo hotel acabam se encontrando outras vezes, então começam a sair pela noite de Tóquio e desenvolvem uma relação de cumplicidade que os ajuda a remediar a solidão em que se encontram no momento. No entanto, assim como a vida contemporânea é veloz e não dá espaço para aprofundar sentimentos e sim passar por eles, ambos têm seus compromissos e papéis a serem desempenhados, por isso um permanece em Tóquio e outro tem que partir. Em certo momento do filme, Bob diz a Charlotte, quando ela se mostra indecisa quanto ao que quer fazer da sua vida, que, o importante é saber quem se é de verdade, valorizar a própria identidade.

TÓQUIO COMO PERSONAGEM

159

Em vários filmes a cidade é uma personagem que participa e influencia as ações na tela. No caso de “Encontros e Desencontros”, não é diferente: Tóquio é uma personagem do filme e atua como um guia para que os outros personagens redescubram e reencontrem suas emoções vivenciando a cidade. A capital japonesa apresenta-se ora como um centro vibrante (no melhor estilo ocidental), ora como um mistério de signos a ser desvendado nos diversos momentos não-verbais do filme.

Tóquio e a própria cultura japonesa são mostradas com um evidente contraste: a coisa excessiva contemporânea representada pelos letreiros enormes e coloridos, a alta tecnologia presente nos grandes painéis de propaganda no centro da cidade, a violência (guardadas as devidas proporções) da noite nipônica; a delicadeza e a tradição representada em alguns momentos pelo *ikebana*, o templo e a noiva em Kyoto, a paisagem bucólica tendo o monte Fuji como personagem em algumas cenas. Essa superposição de antiguidade e modernidade aliada a uma crescente influência ocidental na sociedade japonesa tem mudado muito, nas grandes metrópoles, o comportamento dos indivíduos mais jovens, como vemos em uma determinada cena no hotel, quando um grupo de japoneses está vestido com roupas *hippies* tipicamente ocidentais. Essa influência pode ser vista logo de cara nos grandes letreiros em *katakana*. E o que seria isso? Este alfabeto específico serve para palavras estrangeiras e onomatopéias. O que vemos nos letreiros do filme é uma abundância do *katakana*, ou seja, uma abundância de nomes estrangeiros.

O fenômeno está mesmo ocorrendo na língua cotidiana. Muitas palavras

em japonês estão sendo substituídas pelo inglês. Isso é flagrante nas músicas japonesas que usam, em algumas partes, o idioma inglês. Ou seja, uma nova construção social está se emoldurando a partir do comportamento jovem japonês, que é retratado inclusive na recente matéria da *Veja* que aponta Tóquio como uma nova Meca de cultura mundial.

Em vários trechos do filme, a título de comédia, a comunicação ineficaz com os japoneses é demonstrada: quando Bob Harris vai a um programa de televisão japonês, a contragosto, e o aspecto “over”, tanto do apresentador quanto do programa, “chocam” o ator. Quando Charlotte tem que ir ao médico ver o seu dedão machucado, Bob a espera do lado de fora da sala e uma senhora tenta lhe perguntar algo que ele não compreende. O episódio torna-se motivo de riso tanto para a os personagens do filme que assistem à cena no hospital, como para a platéia real que assiste no cinema. Outro exemplo seriam os trocadilhos com o idioma feitos utilizando palavras-chave do vocabulário japonês como “*Aritatou*”, que a uma certa altura do filme, é pronunciado como “*Arigato*” em uma despedida que é retribuída com “*mushi, mushi*” (sendo que um dos significados da palavra poderia ser inseto), querendo-se reproduzir a forma como se atende ao telefone “*moshi, moshi*”. Ou quando Charlotte está passeando pelo hotel e entra em uma aula de *ikebana* (arranjo floral) e a professora lhe indica um arranjo e lhe dá um ramo para completá-lo. E ainda na sessão de fotos do comercial do *Whisky* no qual Bob Harris não entende o que o fotógrafo japonês está dizendo e a todo momento tem que repetir as falas ditas por esse empregando a pronúncia correta do inglês.

Mas, de qualquer forma, em várias falas e cenas, eles demonstram admirar a cultura japonesa, a sua sensibilidade e delicadeza, tanto quanto a sua versão *over* noturna. É nesse cenário de delicadeza e excesso que as duas almas se encontram, perdidas em seus casamentos e carreiras, desenvolvendo um amor terno que não almeja o sexo, mas uma cumplicidade e uma identidade perdida que é selada com um beijo de despedida.

A CONTEMPORANEIDADE E A SOLIDÃO

Ao contrário de outros filmes que enfatizam a diferença cultural como algo que separa e diferencia, neste caso, os vácuos deixados na comunicação são utilizados mais como uma figura retórica de comédia e servem para unir os dois personagens. A diretora e também roteirista Sofia Coppola utiliza experiências próprias para construir esse perfil de solidão e ao mesmo tempo de felicidade do encontro, metaforizado através de seu encanto por Tóquio. Esse recurso enfatiza que a solidão e os relacionamentos padecem desses mesmos problemas em qualquer lugar do mundo. A contemporaneidade e as suas peculiaridades já se estendem por todo o globo.

Autores como Bauman² e Sennett³ enfatizam a questão de que na chamada pós-modernidade, supermodernidade ou modernidade tardia, o indivíduo

tem sobre si todo o peso da sua existência como nunca antes, fato este já indicado na modernidade por Norbert Elias⁴. Tudo é feito por e para os sujeitos individuais.

A individualidade já não é uma escolha para o indivíduo e sim uma tarefa a ser cumprida, uma fatalidade. A construção de uma identidade única hoje é algo que obceca os meios de comunicação e, por conseguinte, os espectadores. Cada vez mais a solidariedade e o compartilhamento vêm diminuindo em intensidade em prol de uma privatização dos espaços, para que esses possam ser ocupados pela personalidade, sejam elas coletivas ou individuais. A tolerância e aproximação com o Outro, o diferente, tornam-se gradualmente uma tarefa mais dolorosa em termos afetivos, pois estamos erguendo barreiras mais altas e sólidas quanto a isso. Estamos em um processo de desagregação da vida pública que está excluindo o contato com o Outro.

A Tóquio que vemos representada hoje se tornou aprazível porque se ocidentalizou. Caso a escrita japonesa fosse romanizada, em um primeiro momento não haveria nenhum estranhamento, pois existiria um compartilhamento de códigos, de referências já experimentadas em outros locais. A construção social da tradição e da sociedade japonesa leva em conta um binômio importante do dentro/fora, aparência/essência, a preservação dessa harmonia. A necessidade de se preservar a harmonia do grupo, idéia levada a cabo durante anos por um regime de Estado-Nação forte, conduz os indivíduos a esconderem seus verdadeiros sentimentos (*honme*), revelando apenas a máscara (*tatema*). A essência só é revelada em ambientes privados e informais. Embora não caiba aqui um aprofundamento sobre a cultura e a sociedade japonesa, é interessante notar como essa configuração de valores consegue afetar o comportamento ocidental e, paulatinamente, enfraquecer e penetrar a barreira, pois, contrariamente aos japoneses, a nossa trava entre essência e aparência é bem mais tênue.

Existe o fator “moda” que mostra essa influência apenas na superfície, na “pele” (no caso da moda de tatuar ideogramas no corpo – algumas vezes de forma equivocada, seja por falta de algum traço, porque às vezes estão ao contrário ou porque a tradução que é fornecida não corresponde ao seu verdadeiro significado). Mas existem pessoas que realmente convertem-se ao budismo, por exemplo, trocam a comida ocidental pela comida japonesa, abraçam os produtos e símbolos orientais. Não é uma relação necessariamente mais afetiva, mas, é mais solidária, mais harmônica.

Há um distanciamento da sociedade ocidental, mesmo quando ainda no seu interior, e esse processo acaba por dar espaço para um questionamento dos valores abraçados no cotidiano.

Nos termos do filme, o ambiente da cidade japonesa diminui a solidão da contemporaneidade e predispõe ao encontro através desse binômio familiaridade/diferença que podemos aproximar daquele aparência/essência (guardadas as devidas proporções), aspecto característico da sociedade japonesa.

LOST IN TRANSLATION – O SENTIDO PERDIDO

O título “Lost in Translation” denota o que percebemos em vários momentos do filme, quando algo parece ficar perdido na tradução de alguma ação ou fala, como na cena em que Charlotte vai a Kyoto e vê uma noiva tradicional e seu suave toque de mãos com o rapaz, ou na aula de *ikebana*. O sentido fica perdido, assim como a compreensão da cultura japonesa em sua totalidade, pois os gestos e a comunicação não-verbal entre o povo japonês chegam a ser mais importantes do que expressão verbal. É uma sociedade construída em cima de um sentido sempre implícito, que deve ser traduzido. Na sua escrita, que é herdada dos chineses, um ideograma pode ter vários significados diferentes, implicando em traduções não-literais das letras. Ou seja, não existe um significado único para uma palavra. A palavra “visitar”, por exemplo, pode ter vários sentidos e, portanto, várias configurações de *kanjis* [5] visitar a trabalho, visitar um amigo, visitar para estudo/pesquisa. É uma vida em que o que falta dizer é preenchido pela correspondência de expectativas construídas através de valores compartilhados que não precisam mais ser expressos oralmente ou de forma explícita.

162

Para nós ocidentais, esse tipo de comunicação não-verbal pode ser muito difícil de entender. Em recente entrevista para a MTV americana, o vocalista Dexter Holland e o guitarrista Noodles do grupo Offspring comentavam sobre as peculiaridades do povo japonês durante os shows da banda. Após a execução das músicas e dos conseqüentes aplausos, a platéia permanecia em silêncio à espera da próxima música. Isso os incomodava e, por isso, resolveram diminuir os intervalos entre as canções para reduzir o vazio que ficava. Ou seja, para nós, essa construção de uma cultura onde o desejo de preservação da harmonia se estende até o nível da conversação é difícil.

Evitar mal-entendidos, ambigüidades e ofensas – resquícios ainda do Japão ancestral, onde havia uma rígida hierarquia de costumes –, desenvolveu no povo japonês uma capacidade de compreensão que teve que ultrapassar o limite das palavras. Isso pode ser notado na própria língua, onde tudo que pode ser subentendido é cortado. É uma língua objetiva e intuitiva. Assim, o filme ancora-se naquilo que sempre fica no ar, esperanças e expectativas, desejos e palavras não-ditas. “Lost in translation” seria, enfim, como perder alguma palavra na tradução, o que espelha bem a linguagem utilizada no filme em algumas situações que já descrevi. Os dois personagens principais estão perdidos tanto culturalmente quanto afetivamente. Para alguém de outra cultura, estar em Tóquio – uma sociedade tão diferente, na qual qualquer gesto é carregado de significado – provoca uma sensação de impotência ao não poder decifrar nem ao menos o que se sente e expressar isso em palavras. Há um vácuo de sentido. Esse sentimento influencia os personagens, que, ao se encontrarem, acabam por procurar preencher este vácuo no relacionamento entre eles.